

Auxiliar de Creche



Desenvolvimento lúdico com bebês:

Pouco ou quase nada se tem falado sobre o trabalho pedagógico na creche nos cursos de formação de professores. Uma inquietação surge a partir do momento em que nos deparamos com uma turma de berçário, com crianças de faixa etária entre 7 meses e 1 ano e 3 meses.

O principal objetivo ao entrar em uma instituição de educação infantil era buscar o aperfeiçoamento e a capacitação numa área em que o curso de formação superior ainda não suprija. Ao chegar apresentaram-se crianças muito pequenas – muitas nem caminham – que necessitam o tempo todo do adulto para comer, para alcançar um brinquedo, para trocar de roupa e para caminhar.

Foi com base neste quadro que resolveu-se pesquisar a respeito do trabalho do pedagogo na creche e, de como se constitui o ensino para esta classe específica: o berçário; analisando como a sala e as brincadeiras se constituem como apropriação para o desenvolvimento lúdico destas crianças.

Fazendo uma leitura geral da faixa etária, o primeiro assunto que envolve o trabalho com bebês é a constituição do espaço físico. Como as demais necessidades das crianças estão diretamente ligadas ao espaço, acredita-se ser este um tópico importante a ser discutido neste trabalho.

Para iniciar a pesquisa buscou-se referenciais a respeito do planejamento ideal para turmas de berçário, pois sem ele é extremamente difícil de elaborar as atividades para os pequenos. Segundo Gandin (1986),

O planejamento e um plano ajudam a alcançar a eficiência. Isto é, elaboram-se planos, implanta-se um processo de planejamento a fim de que seja bem-feito aquilo que se faz dentro dos limites previstos para aquela execução (GANDIN, 1986, p. 16).

Para se fazer um planejamento adequado é necessário conhecer a turma no geral e cada aluno de forma singular, tendo claros os objetivos que se pretendem alcançar, preocupando-se com as necessidades e desenvolvimento de cada criança, não esquecendo que “é necessário, para que se fale em planejamento, que [as rotinas] sejam realizadas com clareza, para algo definido, e não como ações formalizadas, sem finalidade e sem a compreensão humana do que se faz” (GANDIN, 1986, p. 52).

O espaço destinado a bebês necessita levar em consideração a concentração desta faixa etária que, segundo Schmitt (2010), dura entre três e cinco minutos. Portanto os espaços que são proporcionados para que possam brincar e trocar de brincadeira precisa ser muito variado.

Em uma oportunidade de observar uma sala de berçário, a descrição desta é visivelmente adequada para os pequenos: a sala muito colorida, enfeitada com móveis e espelhos, dispunha de uma piscina de bolinhas, uma mini cozinha (com fogão adaptado, pia adaptada e prateleiras adaptadas), uma mini sala, com banquinhos de madeira, e muitas estantes com muitos brinquedos; colchonetes em outra parte da sala em que podem se concentrar os bebês que ainda não caminham, outra ala destinada para a alimentação das crianças e outra para os que dormem.

Considerando estas crianças como seres que necessitam estar em constante movimento, pois em todo o momento estão descobrindo e explorando, "(...) a infância deve ser compreendida como uma construção social, (...) as crianças devem ser consideradas como partes ativas na determinação de suas vidas e das vidas daqueles que estão ao seu redor" (HEYWOOD, 2004, p. 12).

O espaço físico deve ser adaptado e propício para receber as crianças e adultos em um ambiente acolhedor e agradável, tal como afirma Goldschmied e Jackson:

o ambiente físico deve levar em consideração essa função dupla [trabalhar e brincar], e combinar conforto e uma atmosfera caseira com a praticidade de uma sala de aula de uma escola maternal bem-administrada. Sua aparência como um todo deve ser interessante e prazerosa tanto para as crianças quanto para os adultos (Goldschmied e Jackson, 2006, p. 34).

Outro cuidado que se deve ter ao organizar o ambiente das crianças é em relação a objetos ou móveis que possam representar alguma forma de perigo. Assim é possível prevenir acidentes e possibilitar aos alunos que se desloquem pela sala garantindo o início de sua autonomia pessoal. É importante deixar com que todos os brinquedos estejam ao alcance das crianças facilitando as escolhas.

As brincadeiras estão instauradas na criança desde muito cedo. O faz-de-conta é a representação do mundo em que estas estão inseridas. Propiciar lugares apropriados para que seja estimulado o imaginário e o representativo é imprescindível nas creches.

De acordo com Kishimoto,

admite-se que o brinquedo represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que é um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los (2011, p.20).

A partir daí, é possível compreender a importância do brinquedo e as escolhas a serem desenvolvidas diante do mesmo, já que este não é apenas um objeto de entretenimento, mas sim um material lúdico que pode e deve ser explorado de diferentes formas, sendo um instrumento representativo e significativo para o crescimento e vivências experienciadas do indivíduo.

Muitas das brincadeiras são livres e espontâneas. Para Vygotsky (1989), o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Assim elas criam com os objetos e desenvolvem novas maneiras de utilizá-lo.

Entender a criança e como ela se relaciona com o meio é um dos papéis mais importantes do pedagogo. O trabalho pedagógico constitui-se em ensinar a criança a melhor forma de conhecer, experimentar, relacionar-se. Em se tratando de bebês este trabalho trata das questões mais primitivas como comer, locomover-se, trocar a roupa, limpar-se, etc.

São aprendizagens tão importantes quanto outras denominadas “conteúdos escolares”. Como afirmam Goldschmied e Jackson (2006), as experiências adquiridas pelas crianças nos primeiros dois anos se dão de forma muito rápida e são extremamente significativas.

De acordo com os estudos feitos, podemos evidenciar a importância do lúdico nos tempos e espaços da Educação Infantil e que isto é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança.

Sem dúvida é necessário que haja um aprofundamento nesta temática com vistas ao processo formativo do profissional que irá trabalhar ou trabalha com bebês. Sendo esta uma fase muito delicada, requer cuidados e ações específicas que, na maioria das vezes, não são contemplados nos espaços de formação inicial e continuada.

Sendo assim, constata-se que ao professor cabe desvendar este imenso e rico mundo do imaginário infantil; investir em possibilidades para desenvolver este processo é

imprescindível diante do papel do educador infantil, unindo sempre o lúdico ao planejamento diário de ensino.

ESPECIFICIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA COM OS BEBÊS

Em 1988, a Constituição Federal, atendendo aos anseios da sociedade, especialmente do movimento de mulheres — feministas, sindicalistas ou moradoras de bairros — definiu que o Estado brasileiro deveria garantir a oferta de educação infantil — pública, gratuita e de qualidade — para crianças de 0 a 6 anos, por meio do sistema educacional. Nas décadas seguintes, essa proposição legal desencadeou uma ampla expansão dos estabelecimentos de educação infantil. Esse texto legal, assim como os demais documentos dele decorrentes, induziram os municípios a construir Centros e Escolas de Educação Infantil que atendessem a crianças de 0 a 6 anos e, com isso, ampliou-se significativamente o acesso das crianças de 0 a 3 anos às instituições educacionais públicas.

Nos vinte anos transcorridos desde então, a visão constitucional do direito a vaga nas creches e pré-escolas para pais que trabalham vem sendo substituída pela ideia do direito de toda criança a frequentar uma escola de educação infantil. Isso evidencia uma significativa mudança na compreensão dos direitos das crianças e também uma importante aposta na contribuição que a escola de educação infantil pode oferecer às crianças pequenas e suas famílias.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), garantindo uma visão sistêmica, evidenciam que, para garantir o bem-estar das crianças, das famílias e dos profissionais, as creches e pré-escolas devem cumprir suas funções:

Função social — Acolher, para educar e cuidar, crianças entre 0 e 5 anos, compartilhando com as famílias o processo de formação da criança pequena em sua integralidade. As creches e pré-escolas cumprem importante papel na construção da autonomia e de valores como a solidariedade e o respeito ao bem comum, o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades.

Função política — Possibilitar a igualdade de direitos para as mulheres que desejam exercer o direito à maternidade e também contribuir para que meninos e meninas usufruam, desde pequenos, de seus direitos sociais e políticos, como a participação e a criticidade, tendo em vista a sua formação na cidadania.

Função pedagógica — Ser um lugar privilegiado de convivência entre crianças e adultos e de ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas. Um espaço social que valorize a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Se nos últimos anos as vagas foram quantitativamente ampliadas, ainda não é possível afirmar que uma pedagogia específica para as crianças pequenas tenha sido efetivada. Em grande parte das instituições, as singularidades das crianças de 0 a 3 anos, especialmente os bebês, ficaram subsumidas às compreensões sobre o desenvolvimento e a educação das crianças mais velhas. Afinal, até hoje as legislações, os documentos, as propostas pedagógicas e a bibliografia educacional privilegiaram a educação das crianças maiores. Assim, ainda que os bebês e as crianças bem pequenas estejam presentes na educação infantil, as propostas político-pedagógicas ainda mantêm invisíveis as suas particularidades e não têm dado atenção às especificidades da ação pedagógica para essa faixa etária.

Antes de iniciarmos a discussão da abordagem pedagógica, vamos tentar definir quem são os bebês. Sabemos que a idade biológica ou cronológica não pode ser a única referência para definir até quando um ser humano pode ser considerado como bebê, pois as experiências culturais afetam o crescimento e o desenvolvimento das crianças pequenas.

Em nossa cultura, talvez possamos identificar a capacidade de andar, de deslocar-se com desenvoltura e de falar, ainda que apenas através de palavras e pequenas frases, como sinais do final do período de vida da criança a que chamamos bebê. Assim, neste texto, vamos considerar como bebê a criança até 18 meses de vida. Após essa idade, elas podem ser chamadas de crianças pequenas ou pequenininhas.

AFINAL, QUEM SÃO OS BEBÊS?

Durante muitos anos, os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade. Nos últimos anos, porém, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. Temos um conhecimento cada vez maior acerca da complexidade de sua herança genética, de seus reflexos, de suas competências sensoriais e, para além de suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Eles são dotados de um corpo no qual afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados, e é a forma particular como esses elementos se articulam que vai definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê tem um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar.

Quando nascem, os bebês humanos necessitam de um longo período de atenção e cuidado para sobreviver. Um dos grandes compromissos dos adultos, que já habitam este mundo, é o de oferecer acolhimento para esses novos integrantes da sociedade. Se por muito tempo essa era uma tarefa apenas das famílias, hoje, em nossa sociedade, é necessário que seja compartilhada com outras pessoas ou instituições. Cada vez mais, em nosso país, as mulheres trabalham fora de casa, motivadas pelo desejo de realização profissional, pela necessidade de independência econômica ou de contribuir com a renda familiar e o sustento dos filhos. As novas diretrizes asseguram que todas as famílias brasileiras têm o direito de solicitar vagas em creches e pré-escolas próximas às suas residências, sem requisito de seleção.

A ausência da família ampliada — avós, tios, irmãos morando próximo — e o envolvimento de muitos desses adultos no mundo do trabalho têm indicado a escola de educação infantil como o parceiro privilegiado para ser o suporte dos pais e das mães na tarefa de cuidar e educar as crianças pequenas. Esse papel de partilha não se restringe ao apoio concreto durante o período de atendimento direto às crianças na creche, mas constitui-se em referência para a reflexão sobre as ações de cuidado e educação das crianças pequenas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil definem as escolas infantis

como instituições abertas às famílias e à comunidade, como um local que oferece a efetivação de um direito social de todas as famílias e que tem por objetivo garantir bem-estar a todos. Nesse sentido, esses estabelecimentos educacionais têm como foco a criança e como opção pedagógica ofertar uma experiência de infância intensa e qualificada. Torna-se, assim, um espaço de vida coletiva onde, diferentemente do ambiente doméstico, os bebês convivem com um grupo de crianças pequenas.

Nesse lugar, junto com seus amigos e amigas, sob a coordenação de adultos especializados, as crianças têm a possibilidade de experimentar, aprender e construir relações afetivas. Do ponto de vista político-pedagógico, podemos selecionar três aspectos das diretrizes curriculares que são imprescindíveis na constituição de proposta(s) para a educação dos bebês em espaços de vida coletiva.

O primeiro aspecto é a compreensão dos bebês como sujeitos da história e de direitos. Direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Quando tomadas como seres capazes, as crianças se tornam protagonistas no projeto educacional. Essa é uma mudança paradigmática na compreensão da educação dos bebês, pois se afirma o compromisso com a oferta de um serviço educacional que promova, para todas as crianças, a possibilidade de viver uma experiência de infância comprometida com a aprendizagem gerada pela ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. Nesse espaço, os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, desse modo, a cultura.

O segundo é a defesa de uma sociedade que reconheça, valorize e respeite a diversidade social e cultural e que procure construir a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças, oferecendo acesso a bens culturais selecionados com os critérios da interculturalidade, da democracia, bem como afirmando a ruptura com relações de dominação — etária, socioeconômica, de gênero, regional, lingüística, religiosa — e combatendo o racismo.

E, por último, a valorização das relações interpessoais, da convivência entre as crianças e destas com os adultos, pois são essas relações sociais que oferecem os elementos para a construção da sociabilidade e da constituição subjetiva de cada criança. Esse é um importante papel da educação infantil, principalmente no que se refere a crianças bem pequenas, pois é nessa faixa etária que as interações entre as pessoas têm expressiva relevância para a construção das identidades pessoal e coletiva da criança.

CAMINHOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE PEDAGOGIA(S) ESPECÍFICA(S) PARA OS BEBÊS

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apresentam — e defendem — concepções de sociedade, de educação e de infância que serão adotadas pelos sistemas educacionais na orientação das políticas públicas de educação infantil. Tais concepções precisam de fato estar presentes como fundamentação da organização do cotidiano das escolas infantis. Os serviços de educação infantil podem, a partir das concepções presentes nas diretrizes, revisar e reelaborar seus planejamentos e avaliar suas propostas pedagógicas e curriculares.

As diretrizes apresentam a escola de educação infantil como um espaço educacional que tem o importante papel de compartilhar, de forma indissociável, a educação e o cuidado das crianças pequenas com suas famílias. Essa é uma característica essencial desse tipo de instituição e a distingue de outros tipos de estabelecimentos e níveis educacionais. Como vimos anteriormente, a escola de educação infantil vem, cada vez mais, ocupando o lugar da família ampliada, especialmente nos grandes centros urbanos.

Ela oferece aos pais e responsáveis pelos bebês parceiros que complementam a atenção, o cuidado e a educação dos bebês e também um espaço para o encontro e a interlocução com pessoas qualificadas para dialogar sobre a educação das crianças pequenas. As famílias não podem ser vistas apenas como usuárias de um serviço, mas como colaboradoras, isto é, co-autoras do processo educacional, pois é preciso sintonia quando se trata de educar uma criança pequena ou um bebê.

Educar bebês na vida coletiva da escola.

Ao nascer, as crianças se defrontam com um mundo em processo contínuo de constituição. Para receber estas crianças, os adultos responsáveis selecionam de seu patrimônio afetivo, social e cultural as práticas de cuidado e educação que consideram mais adequadas para oferecer bem-estar a esses bebês e para educá-los.

Porém, essa não é uma tarefa simples: mesmo os responsáveis, os pais das crianças, provêm de mundos sociais diversos e necessitam de muito diálogo para estabelecer parâmetros para a educação de seus filhos. Cada família tem um modo de alimentar, embalar, acariciar, brincar, tranquilizar ou higienizar as crianças. E essas ações podem ser realizadas de diversas formas: afinal, as diferentes culturas inventaram múltiplos modos de criar suas crianças pequenas. E cada família tem um modo específico para compreender o choro de uma criança, suas necessidades de alimentação e de brincadeira e fazer suas escolhas, tendo em vista as tradições familiares ou concepções aprendidas com diferentes interlocutores.

A escola precisa estabelecer uma relação efetiva com as famílias e a comunidade local para conhecer e considerar, de modo crítico e reflexivo, os saberes, as crenças, os valores e a diversidade de práticas sociais e culturais que cada grupo social tem para criar seus bebês. Ao ingressar numa turma de berçário, o bebê vai conectar-se com universos familiares bastante diferenciados e ampliar seu universo pessoal. Obviamente, a escola, apesar de seu relacionamento com a comunidade e com as famílias, terá estratégias educativas diferenciadas, pois ela precisa atender às crianças na perspectiva da vida coletiva, e não individualmente, como acontece nos lares.

A escola, com a participação dos pais, organiza, em seu projeto político e pedagógico, um modo de conceber a educação das crianças pequenas e oferecer práticas de vida coletiva, sem se descuidar das singularidades de cada família, de cada bebê e de cada profissional. Na escola de educação infantil, espaço público de educação coletiva, as práticas de cuidado e educação de bebês tornam-se um importante campo de estudos, debates e tomadas de decisão que necessitam estar contemplados nos projetos pedagógicos.

O Projeto Político-Pedagógico é o resultado de um trabalho conjunto entre profissionais e famílias, um trabalho de reflexão, debate e confronto. Nele, a partir de princípios legais, um grupo de gestores, pais, funcionários e professores selecionam e explicitam os princípios educacionais que auxiliam os pais e educadores a pensar sobre o seu agir, isto é, a constituir

referências e a compartilhar ações.

Um currículo para os bebês

Para os bebês, a ida para a creche significa a ampliação dos contatos com o mundo; para os adultos, responsáveis pela educação das crianças na creche, significa selecionar, refletir e organizar a vida na escola com práticas sociais que evidenciem os modos como os

professores compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico e os modos como traduzem, no exercício da docência, as suas propostas pedagógicas.

As práticas sociais que as famílias e a escola ensinam para os bebês e as crianças bem pequenas são as primeiras aprendizagens das crianças e constituem o repertório inicial sobre o qual será continuamente constituída a identidade pessoal e as novas aprendizagens das crianças. Por exemplo, os bebês aprendem a se vestir ao serem agasalhados pelos adultos; aos poucos, os pequenos iniciam um processo de participação na ação de vestir-se e, finalmente, vão aprendendo a se vestir sozinhos, até mesmo a escolher suas roupas e a demonstrar suas preferências. Esses conhecimentos sociais e culturais, apesar de pouco valorizados nas escolas de educação infantil, são extremamente importantes para a constituição das crianças, dos seus hábitos, dos modos de proceder, das suas relações e das construções sociocognitivas.

Essas práticas sociais são estruturadas por meio de linguagens simbólicas com conteúdos culturais. Assim, as propostas pedagógicas dirigidas aos bebês devem ter como objetivo garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens. É importante ter em vista que o currículo é vivenciado pelas crianças pequenas não apenas por meio de propostas de atividades dirigidas, mas principalmente mediante a imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma narrativa de vida, bem como na interação com diferentes linguagens, em situações contextualizadas. Desse modo, as crianças adquirem o progressivo domínio das linguagens gestuais, verbais, plásticas, dramáticas, musicais e outras e de suas formas específicas de expressão, de

comunicação, de produção humana.

As concepções contemporâneas sobre os bebês, a infância, a aprendizagem e a educação encaminham para a compreensão de um currículo que vislumbre o desenvolvimento integral das crianças nas dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural, compreendendo a criança em sua multiplicidade e indivisibilidade.

Porém, quando pensamos nas crianças bem pequenas, isto é, nos bebês, temos dúvidas sobre como propor esse currículo. Ora, não será certamente por meio de aulas, de exposições verbais, mas, como vimos anteriormente, a partir da criação de uma vida cotidiana com práticas sociais que possibilitem alargar horizontes, ampliar vivências em linguagens, para que os bebês experienciem seus saberes. Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, por meio das brincadeiras, na relação com os outros — adultos e crianças — que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.

ORGANIZAR UM PERCURSO EDUCATIVO PARA OS BEBÊS

Como vimos anteriormente, uma especificidade da pedagogia orientada para os bebês é a centralidade das brincadeiras e das relações sociais. Portanto, essa é uma pedagogia que torna imprescindível possibilitar encontros e visibilizar os modos e as diversas formas de relacionamento que se estabelecem entre as pessoas. Educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças, o que exige dos adultos comprometimento e responsabilidade.

A responsabilidade, a competência, a formação dos gestores, professores e demais profissionais precisam também estar vinculadas à delicadeza, à ternura, à empatia e à capacidade comunicativa. Os envolvidos na educação de bebês precisam protegê-los de qualquer forma de violência — física ou simbólica — ou de negligência no interior da instituição. Sempre que algum tipo de discriminação ou violência for praticado contra um bebê, é preciso realizar o encaminhamento das violações para as instâncias competentes.

A tarefa dessa pedagogia da pequeníssima infância é articular dois campos teóricos: o do cuidado e o da educação, assegurando que cada ato pedagógico, cada palavra proferida tenha significado, tanto no contexto do cuidado — como ato de atenção àquilo que temos de humano e singular — como de educação, processo de inserção dos seres humanos, de forma crítica, no mundo já existente.

Uma pedagogia de encontros e relações

Muitas relações se estabelecem numa sala de berçário: relações entre as crianças e entre os adultos e as crianças. Porém, as relações que se estabelecem entre os diferentes adultos — pais, professores e demais profissionais — não podem ser descuidadas. Apesar de realizarem atividades diferenciadas, professores, gestores e os diversos profissionais da escola, todos trabalham tendo um objetivo comum: oferecer às crianças e às famílias uma escola de qualidade. Muitas vezes, as dificuldades nas relações entre os adultos acabam afetando o trabalho pedagógico e também as próprias crianças. É indispensável que esses fatos sejam observados e que se criem na escola momentos de formação para partilha das dificuldades e resolução de conflitos, para a comunicação, a integração e comemoração dos êxitos.

As relações entre professores e crianças

Os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas, para compreendê-los, é preciso estar com eles, observar, “escutar as suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado. Continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular. A profissão de professora na creche não é, como muitos acreditam, apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige bem mais que competência teórica, metodológica e relacional.

As relações entre as crianças

As crianças na creche têm a experiência de viver cotidianamente em uma coletividade de meninos e meninas de idades diversas. Desde muito cedo, os bebês procuram as outras crianças com olhares, esboçando sorrisos e sons, tentando tocar

o colega com o corpo. A ação pedagógica na turma de bebês deve favorecer o encontro entre eles em diferentes espaços e momentos do dia. A professora precisa estar atenta aos movimentos relacionais do grupo e favorecer o desenvolvimento corporal, afetivo e cognitivo dos bebês.

As relações com as famílias

A escola, por meio de seus gestores e professores, tem o compromisso de construir relações com as famílias. As relações podem ser propiciadas por distintas formas de encontro, mais ou menos formais, em situações individualizadas ou coletivas que favoreçam a escuta e as trocas, como reuniões, entrevistas, festas. Assim, as famílias irão sentir-se valorizadas e reafirmadas em sua função parental de responsáveis pela educação de seus filhos. A pluralidade de encontros favorece a construção de laços, a confiança e a troca. Mesmo antes do ingresso dos bebês na creche, é preciso que as famílias conheçam a escola e tenham tido a oportunidade de compreender e discutir o projeto pedagógico. Uma relação de confiança dos pais ou responsáveis com a escola facilita estabelecer vínculos seguros dos bebês com a instituição. A interação da escola com as famílias é tão importante que vem sendo considerada como um dos critérios fundamentais na avaliação de qualidade das creches.

Uma pedagogia para o dia a dia da sala de bebês

Para organizar um percurso de aprendizagem e desenvolvimento para os bebês, é preciso que se tenha um Projeto Político-pedagógico que defina objetivos de longo prazo, pois a formação humana é algo que necessita de tempo. Além disso, cabe à escola saber o que cada bebê e o grupo de crianças pequenas precisam para, assim, construir estratégias que possam oferecer às crianças as ferramentas necessárias para compreender e apresentar-se ao mundo.

A explicitação dos objetivos, das concepções e das estratégias educacionais do trabalho pedagógico com as crianças pequenas é importante, pois possibilita aos educadores compartilhar — tanto com seus colegas, no interior da escola, como com os pais e a comunidade — seus princípios educativos. Ter concepções compartilhadas significa argumentar, constituir coerência, estabelecer continuidade e estabilidade tanto horizontal, na escola e na família, como vertical, entre as turmas ou níveis de ensino.

Concepções e objetivos tendo sido claramente compartilhados os objetivos e as concepções, pode-se, então, começar a constituir o processo educacional. Elaborar uma intervenção pedagógica numa turma de bebês significa realizar ações de dois tipos: (a) a construção de um contexto; e (b) a organização de um percurso de vida.

Construir um contexto

Uma especificidade da pedagogia com os bebês é a sutileza, a forma indireta e discreta com que se realiza. A primeira intervenção é no modo de constituir um contexto, que, se bem organizado, nos propiciará conhecer as crianças e interagir com elas. Se inicialmente a professora organiza o ambiente, a presença das crianças, as conversas com as famílias, as interações do grupo podem ir transformando esses contextos. Se no início ele é mais material (móveis, brinquedos, decorações), pouco a pouco ele se torna mais social, pois o social não existe sem o material e vice-versa. O contexto se estrutura a partir de algumas variáveis, como organização do ambiente, usos do tempo, seleção e oferta de materiais, seleção e proposta de atividades e organização da jornada cotidiana.

Organização do ambiente

A pesquisa sobre o espaço físico da escola nos ensina que os ambientes têm uma linguagem silenciosa, porém potente. Eles nos ensinam como proceder, como olhar, como participar. Uma sala limpa, organizada, iluminada, com acessibilidade aos materiais, objetos e brinquedos é muito diferente de uma sala com muitos móveis, com objetos e brinquedos fora do alcance das crianças e escura ou abafada. Cada um destes ambientes nos apresenta uma concepção de infância, de educação e cuidado. Os ambientes são a materialização de um projeto educacional e cultural.

Alguns pesquisadores observaram que, quando os espaços nas escolas estão bem planejados, o professor deixa de ser o único foco de atenção das crianças, e o próprio ambiente chama as crianças pequenas para diferentes atividades. Assim, uma das tarefas principais de um professor de bebês é criar um ambiente onde as crianças possam viver, brincar e ser acompanhadas em suas aprendizagens individualmente e também em pequenos grupos.

Os ambientes precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança. Quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo. Ao organizar a sala para os bebês mais novos, é importante arranjar pequenos espaços, confortáveis, com espelho, tapetes, rolinhos, almofadas, que possam auxiliar na sustentação das crianças e favorecer seus movimentos. Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos podendo, assim, vivenciar diferentes experiências.

Quando as crianças ficam muitas horas num espaço de vida coletiva, é interessante que se institua um lugar para colocar as coisas que vêm de casa, como as fotos da criança e da família, os brinquedos e outros objetos que criam um “oásis” de singularidade na vida e no espaço coletivo.

Como grande parte das ações das crianças pequenas está relacionada com o ambiente físico e humano onde ela está situada, esse lugar deve apresentar

estabilidade, sendo flexível e evidenciando quem são seus usuários, seus nomes e marcas, seus interesses atuais e seus processos de crescimento. Todo o material que entra em uma sala para bebês deve ser avaliado quanto a seu estado físico, suas possibilidades cognitivas, motoras e sensoriais, bem como quanto à sua qualidade cultural. Constitui compromisso da escola oferecer brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

A sala pode estar organizada em microambientes temáticos, com alguns materiais mais estruturados e outros não estruturados. .Nesses pequenos espaços, as crianças exploram os objetos — tapetes, colchonetes, cantos, tocas — constroem cenários e estruturam brincadeiras coletivas e individuais. É preciso que a sala tenha lugares como armários, caixas, cestos, onde possam ser guardados os materiais.

Os bebês na creche, além da sala, têm direito aos espaços de uso coletivo, como bibliotecas, sala de música, pátio e outros. O parquinho da escola é um espaço que deve ser pensado e organizado na medida das crianças. Além disso, é necessário que as crianças pequenas tenham contato diário com a luz do sol, o ar fresco e possam observar e interagir com a natureza. Acima de tudo, o espaço em que as crianças vivem tanto tempo precisa ser prazeroso, bonito, relaxante, alegre.

Os usos do tempo

Talvez o tempo seja um importante elemento para a definição da especificidade da educação dos bebês. As crianças pequenas precisam de tempo, de tempos longos para brincar, para comer, para dormir. Tempos que sejam significativos. As crianças pequenas, especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para interagir, para observar, para usufruir e para criar.

Muitas vezes, as pessoas pensam que os bebês têm pouca capacidade de atenção, de envolvimento, de curiosidade e por esse motivo não oferecem propostas de atividades para as crianças, ou, ao contrário, trocam as propostas a cada momento. Ora, quando temos efetivamente contato com os bebês e os observamos brincando sozinhos ou com outros bebês, verificamos que eles ficam intrigados e envolvidos com uma tarefa e podem permanecer assim por muito tempo. A pressa, em geral, é nossa, dos adultos.

Ter tempo para brincar, fazer a mesma torre muitas vezes, derrubar, reconstruir, derrubar novamente permite aos bebês sedimentar as suas experiências. A organização de uma jornada na escola precisa contemplar as necessidades das crianças, sejam elas de ordem biológica, emocional, cognitiva ou social, e também oferecer tempos de individualização e de socialização. Nossa sociedade, em nome da produtividade, tem acelerado a vida: cada vez mais cedo e cada vez mais rápido. As crianças chegam à escola com organizações de vida diferenciadas e, aos poucos, vão sincronizando com o grupo, isto é, a professora junto com as crianças vai construindo uma vida com tempos compartilhados. Porém, é preciso cuidado para que esse processo não seja invasivo e atenção às necessidades, ritmos e escolhas individuais da criança.

Construindo uma rotina

As rotinas, ou a jornada diária da sala de bebês, são aquelas experiências que se realizam ao longo do dia. Essa repetição oferece aos bebês certo domínio sobre o mundo em que vive e segurança, isto é, a possibilidade de antecipar aquilo que vai acontecer. A recorrência dos eventos faz com que se possa construir um eixo de

história e memória para a construção de uma identidade social, de grupo. Afinal, todos os dias, no mesmo lugar, juntamente com as mesmas pessoas, serão realizadas certas atividades e repetidos alguns rituais. É nesse lugar que as crianças vão se encontrar com outras crianças, aprender a se relacionar, a conviver, a cooperar, discordar. É nesse espaço social que irão, com seus corpos, perceber os odores, escutar as vozes, olhar, observar, tocar, pois as crianças têm grande capacidade de compreender a realidade através dos sentidos.

É preciso ter muita atenção aos momentos de vida cotidiana dos bebês, pois é nesses momentos que acontecem as primeiras aprendizagens, que as crianças aprendem a cuidar de si e a se relacionar com os outros e o mundo. Assim, fazendo as tarefas cotidianas com o apoio de um outro, em geral o adulto, mas também outras crianças, os bebês aprendem a viver a vida e vão construindo sua independência.

Geralmente, as salas de bebês organizam seu tempo em momentos que iniciam com o acolhimento, passam pelas refeições, pela brincadeira, por atividades de higiene, pelas práticas de repouso, por uma ida ao pátio. Em outras palavras, pela construção de contextos educativos que possibilitam aos meninos e às meninas adquirir conhecimentos e habilidades e a realizar interações que instituem e ampliam seu repertório motor, emocional, social e cognitivo.

Ter uma jornada diária pensada “na medida do grupo e de cada criança” significa também estar aberta ao inesperado, àquilo que “sem aviso” emerge no cotidiano e propicia as reavaliações de percurso, oferecendo novas opções aos bebês.

Então, vamos ao percurso ...

Se temos um ambiente acolhedor e desafiante, se já pensamos em modos cotidianos de organizar o tempo em rotinas, se selecionamos os recursos e materiais necessários para o trabalho pedagógico, é hora de pensar em como encaminhar o trabalho com as crianças; afinal, as bases do trabalho pedagógico estão postas.

A partir dos objetivos presentes no PPP da escola e no planejamento anual da turma, o professor começa a organizar alguns momentos do ano que são recorrentes: o acolhimento dos bebês e suas famílias na creche, o convite aos percursos, os

desafios e a construção de processos e a análise das experiências vividas. Para realizar esse percurso, o professor de berçário possui alguns instrumentos: a observação, o planejamento, as ações e experiências, o acompanhamento e a avaliação.

A observação

Para poder compreender e comunicar-se com um bebê pequeno, é preciso observar. É por meio de diferentes técnicas de observação —, dirigida, natural, com o uso de máquina fotográfica ou de filmagem — que nos aproximamos do modo como as crianças se relacionam com o mundo e com as outras crianças, produzindo suas vidas. Como não utilizam a palavra falada, é geralmente pela observação crítica, atenta e contínua das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano que o professor acessa os sentimentos e questionamentos das crianças. As observações precisam ser registradas para serem compartilhadas e analisadas; é imprescindível um caderno ou pasta para a escrita das observações. Além do conhecimento das singularidades de todas as crianças, é pela observação que o professor pode construir projetos de trabalho com as crianças.

O acolhimento

A chegada de um bebê em uma família cria um momento de grande intensidade emocional e causa profundas transformações em todos os seus integrantes. A especificidade desse momento deve ser considerada quando se recebe um novo bebê na creche. Afinal, não é apenas uma criança que a escola de educação infantil irá acolher, mas toda uma família, que está vivendo um processo de transformação.

Também na escola, a chegada de um novo bebê causa nas crianças e nos adultos uma nova situação, uma reconfiguração do grupo. Assim, acolher uma criança na creche exige dos diferentes profissionais atenção, competência e sensibilidade nas relações com os bebês e suas famílias. Para isso, é preciso em primeiro lugar respeitar e valorizar as famílias em suas diferentes formas de estruturação e organização e abrir diferentes canais para a participação cotidiana das famílias nas escolas de educação infantil.

A inserção das crianças na escola exige que os professores estabeleçam um contato

pessoal com cada família. Para as crianças, especialmente os bebês, os primeiros dias de frequência à creche é uma fase de grande mudança, e elas precisam de um ambiente que lhes ofereça segurança emocional, acolhimento, atenção. As crianças logo reconhecem a confiança que seus pais depositam na escola e nas professoras; assim, o trabalho de inserção das crianças na creche passa necessariamente pela relação de confiança entre pais e professores.

O professor ou a professora e a escola têm o compromisso de criar estratégias adequadas ao momento vivido pela criança, na transição da casa para a instituição de Educação Infantil, empenhando-se em:

- Construir um ambiente estável de colaboração e um clima de confiança tanto para os bebês como para as suas famílias;
- Desenvolver as capacidades pessoais do professor de estabelecer uma relação com a criança, que se inicia com um olhar, um sorriso, a oferta de um objeto, para construir, aos poucos, a confiança do bebê nessa nova pessoa e nesse novo ambiente;
- Realizar reuniões para apresentar a proposta, as dependências da escola e as pessoas que nela trabalham;
- Entrevistar os responsáveis, para conhecer o bebê e sua família, seus hábitos e valores;
- Combinar o processo de inserção da criança na creche: período de tempo, tempo diário de permanência, presença dos familiares, etc.

Após o momento inicial de acolhimento, as crianças e os adultos constroem um ritmo de trabalho a partir de ações e experiências. Os desafios, as proposições, as problematizações vão se estruturando ao longo do processo. Elas se iniciam com o conhecimento de todos os bebês, das situações que parecem mais significativas e, a partir de então, exigem compromisso e imaginação pedagógica do professor para continuar com um percurso.

Os percursos exigem mudanças nas trajetórias quando, ao procurar escutar aquilo que nos dizem os bebês em suas múltiplas linguagens, avaliamos que outras ações são mais importantes que aquelas planejadas. Para que as crianças reconheçam a si mesmas como sujeitos históricos, que fazem parte de um coletivo e que deixam

marcas e constroem narrativas, é preciso construir, a partir daquilo que elas evidenciam, um percurso com coerência e com uma história que pode ser registrada em fotos e continuamente contada às crianças. Esse é um importante papel da educação nos primeiros anos.

DESAFIOS PARA CONSTRUIR UM DIA A DIA COM OS BEBÊS

O cotidiano das crianças na sala de bebês vai sendo construído por meio de atos de cuidado e educação dos docentes. A cada dia, inicia-se o encontro dos bebês e adultos com o acolhimento, que pode ser feito de diferentes formas. Em seguida, a professora pode criar uma situação, pautada nas suas observações, que faça com que os bebês encontrem algo (ou alguém) agradável, interessante e instigante.

Uma das características de uma turma de bebês é que, mesmo quando a professora tem uma proposta muito interessante, os bebês geralmente não participam dela como grupo completo, ou ao menos não ficam presentes em sua totalidade. Sempre há um bebê que está com sono, outro que precisa ser trocado. Assim, aquilo que denominamos trabalho diversificado é uma constante na turma de bebês.

Nesses momentos de encontro, a professora pode promover o relacionamento e a interação das crianças com diferentes materialidades e com manifestações culturais, como a música, trazendo canções que ela mesma canta, CDs, caixas com instrumentos musicais, propor aos bebês acompanhar a música com o balanço do corpo — o que não deixa de ser uma introdução à dança, que deve ser sempre lembrada e estimulada.

Mesmo os bebês sendo pequenos, temos a possibilidades de oferecer massas e tintas adequadas, assim como água, barro e gelo, para fazer experiências plásticas. Além disso, podem-se promover brincadeiras com blocos, jogos de descoberta, construções, encaixes, “faz de conta”; brincadeiras com bolas, arcos, almofadas, para criar situações de desafio motor. Muitas brincadeiras podem também ser feitas com a linguagem: onomatopéias, versos, trava-língua, canções; brincadeiras do tipo “cadê o toicinho”, “serra- serra serrador”, que envolvem movimento junto com uma canção, são extremamente bem- vindas.

Nas salas, devem ser privilegiados os brinquedos e materiais naturais, como panos, pecinhas de madeira. A brincadeira do “cesto dos tesouros”, elaborada por Elinor Goldschimied, é muito indicada para bebês, pois possibilita a exploração, a composição e a estruturação de uma brincadeira individual e também coletiva, além de ampliar a confiança das crianças.

Grande parte das intervenções da professora ocorrerá no sentido de facilitar as relações sociais, transmitir as possibilidades das brincadeiras em sua multiplicidade e riqueza. A linguagem oral das crianças e sua capacidade de locomoção também serão pontos que regularmente devem ser trabalhados. Fazem parte da sala dos bebês os livros de imagens, poesias, histórias, podendo a escola até mesmo fazer uma pequena “bebeteca” onde a criança encontre narrativas e oportunidade de interação com a linguagem oral e convívio com diferentes suportes e gêneros.

Os bebês, mesmo pequenos, podem ir ao teatro quando o espetáculo tiver sido pensado para eles. Além de fruïrem como espectadores, os bebês também iniciam seus jogos dramáticos na escola de educação infantil. Nessa faixa etária, o uso de vídeos ou TV deve ser feito com parcimônia. As crianças convivem com as televisões em suas casas, porém as experiências corporais, de relacionamento, de linguagem são as mais significativas nessa faixa etária.

Sempre que possível, é importante, ao selecionar os materiais, pensar numa proposta de trabalho com as crianças que leve em consideração o critério da diversidade social e cultural, como instrumentos musicais e músicas de diferentes culturas, livros com imagens de crianças e bonecas de diferentes etnias, comidas de diferentes tradições culturais (todas as culturas tem alimentos específicos para seus bebês). A diversidade deve estar presente no cotidiano do berçário.

Aos momentos de atividade para um grupo maior de crianças, seguem-se muitos outros de contato individual ou em pequenos grupos. As crianças oferecem pistas, que os professores pegam e devolvem com novas elaborações, criando continuidades, rupturas, aprofundamentos. Nesses momentos, vistos tradicionalmente apenas como educativos, é preciso um profundo olhar de cuidado do professor: cuidado na seleção dos materiais, cuidado para estar atento às expressões das

crianças, cuidado para dar o tempo adequado para o desenvolvimento da atividade.

A alimentação é uma prática cultural repleta de simbolismo. A escolha dos alimentos, a forma como se organizam as cadeiras, o lugar onde se come — sala ou refeitório —, os instrumentos que se usam para comer, tudo isso diz respeito à formação cultural e social. Também o modo como se inicia e finaliza a alimentação faz parte de um ritual, um ritual que não é igual ao doméstico e que, na escola, pode ser construído com a participação das crianças e transmitido aos bebês.

Nos momentos de alimentação, as crianças ficam envolvidas com a ação dos adultos; porém, algumas vezes, conforme a configuração dos móveis, esse pode ser um momento de grande socialização e vida coletiva. Em geral, as crianças participam com muita alegria desse momento, que é muito mais do que uma necessidade fisiológica.

A dependência das crianças da alimentação que é servida a elas vai, pouco a pouco, sendo substituída por situações de alimentação com elas. Por exemplo, pode-se dar uma fruta amassada, mas também um pedaço inteiro para o bebê explorar, colocar na boca, comer, o que finalmente se tornará uma ação autônoma das crianças.

Aprender a alimentar-se é uma importante aprendizagem para a primeira infância, pois envolve aspectos sociais (cuidado pessoal, auto-organização, saúde, bem-estar), motores (manuseio de talheres, movimento da boca, ingestão) e fonoarticulatório. Nessa situação, podemos novamente compreender a inseparabilidade das ações de educação e cuidado.

Após a alimentação, a higiene será uma necessidade das crianças. Preparar um ambiente tranquilo, de intimidade e poder ofertar tempo e disponibilidade de atenção individual são características de um bom momento educativo na higienização. Deixar as crianças confortáveis e limpas propicia grande satisfação.

Em seguida vem o sono, que pode ser precedido por uma canção, uma história, uma poesia, ou seja, também se pode criar um ritual de sono na escola. Não é um momento fácil para todas as crianças, algumas resistem a passar da vigília para o

sono. Assim, tanto o momento de auxiliar a dormir como o momento de acordar devem ser vistos com delicadeza e reflexão, isto é, cuidando e educando os bebês.

À medida que as crianças vão ficando mais velhas, a centralidade das situações de alimentação, repouso e higiene diminui. Em idades posteriores, podemos denominar esse momento de repouso, pois não deve haver a obrigatoriedade de dormir; porém, nessa faixa etária, o sono segue-se com frequência aos momentos de alimentação e evacuação. A diferença é que os bebês bem pequenos não têm muitas vezes grande sincronia uns com os outros: enquanto alguns dormem, outros ficam acordados, possibilitando intervenções pontuais de seus educadores. Estes podem oferecer às crianças propostas para aprender, observando, tocando, experimentando e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo desse modo cultura.

Todos os dias, os bebês precisam ir ao pátio, pois este é um procedimento saudável e também um importante momento de integração com as demais pessoas da escola, especialmente porque promove interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades. É importante que os bebês vivenciem diariamente situações que incentivem sua curiosidade, exploração, encantamento, questionamento, indagação e conhecimento em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza.

Esses momentos se sucedem ao longo do dia.

Assim como o acolhimento aos bebês e aos pais deve ser valorizado a cada dia, a saída é o momento do reencontro com os familiares, momento de emoção, de troca de informações — orais e escritas. Muitas vezes, são momentos tensos, pois as crianças querem permanecer, ou choram ao ver os pais. É a confiança, continuamente reassegurada, que permite viver com tranquilidade as variadas situações emocionais da entrada e da saída na instituição.

O acompanhamento/avaliação

Ao longo do processo, a professora deverá constituir estratégias — por meio de distintos instrumentos, como fotos, desenhos — para acompanhar tanto o seu trabalho pedagógico como para coletar dados sobre as crianças no que se refere não apenas à vida do grupo, mas também aos processos vividos por todas as crianças individualmente. Os dados individuais, recolhidos, refletidos não devem servir para selecionar ou estigmatizar as crianças, mas para permitir construir perspectivas futuras de intervenção pedagógica.

Os registros, após sua organização, tornam-se um documento para contar para as crianças e suas famílias seus percursos de aprendizagem individuais e coletivos. Isso significa garantir às crianças uma memória, contada narrativa e descritivamente, sobre sua vida. Tais registros também servem para construir a memória da instituição e para que se reflita sobre o projeto pedagógico. Constituindo uma documentação específica que permite às famílias conhecer o trabalho da instituição com as crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança, os registros valorizam o papel da creche e dos profissionais da educação infantil. Avaliar, refletir criticamente sobre os dados coletados e organizados é um fator indispensável para qualificar o trabalho.

A Recreação e o Lúdico na Infância: Uma Alternativa para a Educação.

Em razão das crescentes e aceleradas transformações em que passa a sociedade, a escola como fonte educadora, sente a necessidade da busca por meios que proporcionem um aprendizado prazeroso e permanente. Nesse aspecto se faz necessário que o educador domine um conjunto de conhecimentos básicos quanto ao processo de crescimento e desenvolvimento humano e os fatores que implicam a aprendizagem, visto que na sua prática cotidiana é confrontado com realidades e comportamentos diversos, com isso a necessidade da busca por aperfeiçoamento para as suas práticas pedagógicas.

O lúdico devido a sua importância tem conquistado espaço e precisa ser explorado. O jogo, a brincadeira e o brinquedo são a essência da infância, e utilizá-los permite um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento. Para tanto, é necessário conhecer alguns conceitos que parecem semelhantes, mas cada um apresenta características que se diferenciam, tendo como principais: a recreação, o lazer e o lúdico.

O lúdico é intrínseco, parte de um comportamento, expressa pelo sentimento de felicidade e liberdade do ser, pode ocorrer em qualquer momento da vida, inclusive no momento da recreação e do lazer, ele é independente, se traduz pelo sentimento. Nesse aspecto Luckesi (2000, p.96) diz que o lúdico “é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem o vivencia em seus atos”. Devido a sua importância, cabe ao educador criar um ambiente que reúna elementos motivacionais e que a criança sinta prazer na realização das atividades. No entanto às vivências lúdicas é uma das formas mais expressivas de socialização e aprendizagem da criança no meio escolar.

Sendo assim, a escola por ser uma instituição planejada e intencional, que visa proporcionar a educação da pessoa de maneira sistemática e continuada, deve se apropriar de meios mais eficazes para garantir a permanência mais alegre de suas crianças, sendo que dessa forma estará indo de encontro com as necessidades motoras, cognitivas e sócio-afetivas nessa faixa etária.

Mas sabemos que a variedade de métodos e posicionamentos pedagógicos na infância são altamente diversificados. Com o crescimento e a modificação da estrutura social e familiar esse trabalho tem sido altamente complexo.

A utilização da recreação e do lúdico como fonte e recurso pedagógico tende a oferecer ao aluno a alegria no desenvolvimento das atividades multidisciplinares, sendo as principais nessa faixa etária as atividades motoras em que contribuem diretamente no processo de crescimento e desenvolvimento da criança e estimula o interesse pelo desenvolvimento de suas próprias habilidades no decorrer dos anos.

Neste sentido a Educação Física vem de encontro com as necessidades da criança, pois cria um ambiente de movimento, sendo que o mesmo faz parte do processo natural nessa fase da vida, pois antes mesmo de falar, ela se movimentou, ainda, na vida intra-uterina.

De acordo com Freire (1997), a criança quando brinca está descobrindo o seu mundo, está socializando, desenvolvendo a espontaneidade e suas potencialidades, de maneira prazerosa e assim contribuindo no processo de ensino-aprendizagem. O espaço para a recreação e o lúdico não importa, pode acontecer também dentro da sala de aula. Pois esta não constitui luxo, mas sim necessidade. Para a criança é mais que parte essencial de sua educação, é parte da lei do seu crescimento e desenvolvimento.

Em virtude das transformações ocorridas na sociedade, cada vez menos as crianças se movimentam, se interagem, brincam e dessa forma socializam, e em razão do desenvolvimento da tecnologia e do perfil da família, outros problemas surgiram para a efetivação do ensino e a garantia da permanência do aluno mais alegre na escola. No entanto cabe a escola a decisão de incluir a recreação e o lúdico no seu currículo como parte do saber escolar e ao professor conhecer a importância desse tipo de trabalho para o desenvolvimento integral da criança, planejar as atividades com mais alegria, levando em consideração a individualidade do aluno, sabendo que a proposta lúdica e o seu desenvolvimento, requer do professor, dedicação, conhecimento, criatividade e organização.

O presente estudo tem por finalidade, demonstrar a importância da recreação e do lúdico no processo de ensino-aprendizagem, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, como uma proposta pedagógica.

Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, Cognitivo e Afetivo-Social

O estudo sobre o desenvolvimento humano tem sido de grande interesse para estudiosos e educadores há muitos anos. O conhecimento dos processos de desenvolvimento situa-se no centro da educação, seja na sala de aula, no ginásio ou no campo de esportes (GALLAHUE, 2003).

Segundo o mesmo autor, a questão do desenvolvimento motor é estudada sob três maneiras: através do estudo longitudinal, do estudo transversal e do estudo longitudinal misto. No caso das pesquisas sobre o desenvolvimento motor envolvem o estudo das alterações que ocorrem no comportamento motor ao longo do tempo, dessa forma o método longitudinal é o ideal para estudar o desenvolvimento, pois exige tempo.

O processo de aprendizagem motora caracteriza-se por uma transformação progressiva das capacidades motoras da criança, em função das situações em que é colocada. Considerando que a criança investe em ações de acordo com os meios de que dispõe, ou seja, de sua realidade (NETO, 1995).

De acordo com Gallahue (2003), o aprendizado é um processo interno que produz alterações no comportamento individual em decorrência da interação da experiência, da educação e do treinamento aliado a processos biológicos. Sua construção tem

fortes vínculos com o estado de desenvolvimento do indivíduo, relacionando-se diretamente com a prática. O “aprendizado motor”, assim dizendo, corresponde apenas a um aspecto no qual o movimento desempenha parte principal, significando uma alteração relativamente constante no comportamento motor em função da prática ou de experiências passadas.

Nesse aspecto, o mesmo autor afirma que o desenvolvimento motor é a contínua alteração do comportamento ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da ação, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE, 2003).

A educação psicomotora é uma educação global, que associada aos potenciais intelectuais, afetivos, sociais e motores da criança, permite fornecer segurança e equilíbrio, organizando corretamente as suas relações com os diferentes meios nos quais devem evoluir (VAYER, 1984).

De acordo com Tani (2005), quanto mais numerosas e mais ricas forem as situações vividas pela criança, mais rico será seu repertório motor e conseqüentemente o número de esquemas por ela adquirido.

Os aspectos psicomotores estão relacionados ao desenvolvimento dos seguintes domínios: Esquema Corporal, Coordenação Motora, Percepção Espacial e Percepção Temporal (ARAÚJO, 1992).

Segundo Velasco (1996) o controle psicomotor se traduz pela maturação orgânica e neurológica, além da integração motora da criança em relação ao meio ambiente. O desenvolvimento psicomotor pode acontecer através do brincar e obedece a estruturação de três condutas, sendo elas:

Condutas motoras de base: equilíbrio; coordenação motora ampla; coordenação motora fina, respiração consciente.

Condutas neuro-motoras: esquema corporal; controle psicomotor, lateralidade.

Condutas perceptivo-motoras: orientação corporal; orientação espacial; orientação temporal.

O equilíbrio está relacionado à estruturação do tônus muscular. O equilíbrio pode ser estático ou dinâmico e normalmente acompanhado da atenção e concentração que a

proposta lúdica pode exigir. O equilíbrio é a base para os demais domínios psicomotores (VELASCO, 1996).

A capacidade de a criança usar o corpo para movimentar-se no mundo, os psicólogos denominam de desenvolvimento motor, ele inclui as habilidades de movimento, chamadas habilidades motoras amplas, como engatinhar, caminhar, correr e andar de bicicleta; e as habilidades de manipulação, chamadas habilidades motoras finas, como agarrar ou apanhar objetos, segurar um lápis, ou usar uma agulha. As habilidades motoras amplas e finas estão presentes, de alguma forma, em todas as idades, mas, como regra geral, as habilidades motoras amplas se desenvolvem mais cedo e as finas, mais tarde (BEE, 2003, p. 147).

De acordo com a mesma autora, a respiração na medida em que a criança realiza as atividades motoras, essa prática ajuda a realizar a respiração com consciência, aproveitando melhor os benefícios do exercício físico. Algumas atividades de relaxamento, por exemplo, se encarrega de melhorar esse aspecto.

O esquema corporal é a organização das sensações relativas ao próprio corpo, das posturas e atitudes com os dados do mundo exterior e a lateralidade representa o predomínio normal de um dos lados do corpo. O domínio da lateralidade constitui a base de orientação espacial e da coordenação motora geral (OLIVEIRA, 2002).

Para a mesma autora a orientação corporal é uma conduta perceptivo-motora, surge por volta dos 05 anos de idade e acontece devido à maturação orgânica e neurológica. Já a orientação espacial refere-se às noções de espaço que influenciam na capacidade para lidar com noções referentes à dinâmica, à orientação e estruturação espacial. A criança que não desenvolveu a orientação espacial tem déficit na função simbólica e com isso incapacidade de associar termos abstratos.

Orientação temporal refere-se às noções de adaptação, orientação e estruturação do tempo. A adaptação é a capacidade de seguir ritmos diferentes; orientação é a capacidade para lidar com noções referentes ao tempo e estruturação é a capacidade de interpretar sons segundo ritmos e duração. A criança com problema em orientação temporal, pode não perceber os intervalos de tempo, isto é, não perceber os espaços existentes entre as palavras. Não consegue perceber a diferença do rápido e do 6 lento. Normalmente essa criança escreve as palavras ininterruptas, sem espaço entre elas (OLIVEIRA, 2002).

Quando se trata de movimento, além de entender a importância dos domínios psicomotores para a educação e para a qualidade de vida da criança, é relevante citar que a atividade física regular em qualquer fase da vida e especialmente na infância tem grande importância. Em função das transformações ocorridas na sociedade influenciando diretamente na vida do indivíduo, cada vez mais se instala a patologia da obesidade na infância e adolescência, pois na atualidade os principais meios de diversão são: o computador, o videogame e as comidas rápidas (fast food) e dessa forma a família acaba estimulando para esse estilo de vida em função da violência, comodismo dos pais, etc. (CINTRA e FISBERG, 2003).

Sobre os estudos do desenvolvimento cognitivo Piaget e Vygotsky tiveram grandes contribuições. Segundo Bee (2003), Piaget dividiu o desenvolvimento cognitivo em quatro estágios ou períodos, sendo eles: Período Sensório-motor (do nascimento aos 2 anos de idade), Período Pré-operacional (dos 02 aos 07 anos de idade), Período das Operações Concretas (dos 07 aos 11 anos) e Período das Operações Formais (dos 12 anos em diante).

Piaget entendeu o desenvolvimento do conhecimento como um processo ativo que depende da interação entre a criança e o ambiente. A criança não possui um conjunto pré-definido de habilidades mentais e nem é um recipiente passivo de estímulos do ambiente. A partir da infância, o movimento cada vez mais dá lugar ao pensamento e o aprendizado continua a ser um processo interativo (BEE, 2003).

A teoria de Vygotsky tem raízes na teoria marxista, em que as mudanças históricas na sociedade e a vida material influenciam produzindo mudanças na natureza humana. Vygotsky abordou o desenvolvimento cognitivo por um processo de orientação. Em vez de olhar para o final do processo de desenvolvimento, ele orientouse sobre o processo em si e analisou a participação do sujeito nas atividades sociais. Ele acreditava que as estruturas sociais e as relações sociais levam ao desenvolvimento das funções mentais (VYGOTSKY, 1998).

Vygotsky acreditava que a aprendizagem da criança podia ocorrer através do jogo, da brincadeira, da instrução formal ou do trabalho entre um aprendiz e um aprendiz mais experiente. Ao contrário da imagem de Piaget em que o indivíduo constrói a compreensão do mundo, o conhecimento sozinho, Vygostky via o 7 desenvolvimento

cognitivo como dependendo mais das interações com as pessoas e com os instrumentos do mundo da criança (BEE, 2003).

Quanto às atividades intelectuais, Freire (1997) afirma que pode ser trabalhada tanto na sala de aula quanto na quadra ensinando Educação Física, o autor afirma também sobre a importância da educação corporal para o desenvolvimento da criança e que às vezes é esquecido por muitas escolas. Ele diz ainda que entre os sinais gráficos de uma língua escrita e o mundo concreto, existe um mediador, às vezes esquecido, que é o corpo. Sabe-se que a Educação Física como a grande área, a recreação e o jogo em si, não devem ser a única solução para os problemas pedagógicos, mas em virtude das características da criança, não há porque não valorizá-los. Se o contexto for significativo, o jogo ou qualquer outro recurso pedagógico tem conseqüências importantes em seu desenvolvimento.

E sobre a aprendizagem, Neto (1995) coloca outro fator importante nesse processo, que é o professor saber entender o que se passa nas relações entre criança e o seu envolvimento sócio-afetivo. Pois quanto mais confiante, motivador e caloroso for o seu ambiente, mais ela vai aprender e ter oportunidades de progredir (NETO, 1995).

O Brinquedo e o Lúdico

A palavra lúdico vem de ludus, de origem latina, derivada de ludere, que segundo HUIZIANGA (1993) tem sido de “ilusão” e de “simulação”, que é a capacidade de dar outro sentido a uma situação, uma ação ou objeto. Dessa forma Negrine (2000) contextualiza o brincar dizendo que as crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade.

De acordo com Cavallari e Zacharias (2001), a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita o desenvolvimento da criatividade e com isso a aprendizagem. O desenvolvimento pessoal, social e cultural que permeia o lúdico, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado exterior produtivo, facilita o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Segundo Piaget (1975) a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Estas não são apenas uma forma de entretenimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o

desenvolvimento intelectual. Ele afirma que o jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real atividade própria fornecendo a esta o alimento necessário transformando o real em função das atividades múltiplas do eu.

A criança concebe o grupo em função das tarefas que o grupo pode realizar, dos jogos a que pode entregar-se com seus colegas de grupo, e também das contestações, dos conflitos que podem surgir nos jogos onde existem duas equipes distintas umas das outras (WALLON, 1979).

De acordo com o mesmo autor, para a criança em idade escolar, brincar é a coisa mais séria do mundo, tão necessária ao seu desenvolvimento quanto ao alimento e ao descanso. É o meio que a criança tem de tratar conhecimento com o mundo e adaptar-se ao que a rodeia. Os jogos favoritos da criança em idade escolar incluem correr para pegar outras crianças, esconder e achar, procurar objetos que estão faltando e jogos de adivinhações.

Certas regras vão se tornando necessárias, e estão ligadas ao tipo de jogo e a organização do mesmo e não necessariamente a quem “vence” ou “perde” (WALLON, 1979). Segundo o mesmo autor, as crianças têm estruturas mentais diferentes dos adultos. Não são adultos em miniatura; elas têm seus próprios caminhos, destinos para determinar a realidade e ver o mundo. Perder pode provocar cenas, agressões e choro. Isso não significa que a criança não possa tolerar não ser a primeira na maioria de suas atividades, mas nos esportes e no jogo elas necessitam de ajuda para aprender perder esportivamente.

A competição não significa nada para a criança no estágio de pensamento intuitivo. Elas trazem uma idéia muito limitada do significado do ganhar ou perder, ou de superar os outros. Cada criança nesse estágio joga para si mesma, pelo prazer da atividade. Ela não joga contra os outros. Nos estágios posteriores essas características vão modificando.

Segundo Valadares e Araújo (1999), a criança quando brinca assimila o mundo a sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui. Ele chama o jogo simbólico a qual se apresenta inicialmente solitário, para o estágio do jogo sócio-gramático.

Vygotsky (1998) define o brincar como uma situação imaginária, criada pela criança. Devemos entender que brincar preenche necessidades, que mudam de acordo com a idade. Um brinquedo que interessa a um bebê deixa de interessar a uma criança numa idade posterior.

Para Valadares e Araújo (1999), brincando a criança desenvolve sua imaginação e ao mesmo tempo assume papéis da vida real. Sozinha com seus brinquedos ela recorre à imaginação para dar-lhe vida ou atribuir-lhes coisas que na realidade não existe. Ao imitar o papel do adulto, ela assume personalidades que caracterizam situações. E por essa razão que Vygotsky (1998) considera que a brincadeira cria na criança uma aproximação entre o real e o imaginário.

Na brincadeira a criança viaja na imaginação criando diversas situações, assumindo diferentes papéis e assim contribuindo para a consciência da realidade.

Segundo o mesmo autor, através das regras do jogo este incute na criança a importância da responsabilidade, respeito, limites, o jogo é um agente socializador, que por meio dele a criança desenvolve suas potencialidades brincando. E sobre o aspecto do jogo, Redin (2000), afirma:

A criança que joga está reinventando grande parte do saber humano. Além do valor incontestável do movimento interno e externo para o desenvolvimento físico, psíquico e motor, além do tato, que é a maneira privilegiada de contato com o mundo, a criança sadia possui a capacidade de agir sobre o mundo e os outros através da fantasia, da imaginação e do simbólico, pelos quais o mundo tem seus limites ultrapassados: a criança cria o mundo e a natureza, o forma e o transforma e, neste momento, ela se cria e se transforma. (REDIN, 2000, p. 64).

O brincar proporciona a troca de pontos de vista diversos, ajuda a criança perceber como os outros a interpretam, auxilia a criação de interesses comuns, razão esta para que se possa interagir com o outro. Ele tem em cada momento da vida da criança, uma função, um significado diferente e especial. Aos poucos os jogos e brincadeiras vão possibilitando às crianças a experiência de buscar coerência e lógica nas suas ações governando a si mesmo (DORNELLES, 2001).

Para Freire (1997), o brincar é uma ação em que a pessoa torna-se “dona” daquilo que está envolvida num tempo e espaço que ela mesma cria. Possibilita uma amplitude de

descobertas e soluções transformando esse instrumento de aprendizagem numa busca de perguntas e respostas.

Segundo o mesmo autor, os adultos sempre falam de preparar a criança para o futuro, nesse aspecto, em toda ação há uma intenção, mas ele coloca que a criança precisa viver intensamente o seu momento como se fosse o único. Pois esse momento não pode se resumir numa preparação para o futuro, ele deve ser despreendido de qualquer interesse, mas vivido integralmente.

Segundo Neto (1995) no decorrer dos primeiros anos de vida que se processa as verdadeiras aquisições dos diversos domínios do comportamento, visto ser a fase que ocorrem as mudanças mais significativas que determinam em grande escala as futuras habilidades. Até os seis anos de idade o ser humano atinge cerca de 80% do seu desenvolvimento bio-psico-social, portanto precisa ser estimulado adequadamente para não haver nenhum prejuízo para o futuro da criança (BEE, 2003).

Dicas importantes para ensinar a criança pequena a cuidar dos dentes

Você, que atua com a Primeira Infância, pode ajudar os pais a cuidarem dos dentes de seus filhos, prevenindo cáries e outros problemas que comprometem a *saúde da criança* e seu bem-estar físico e emocional. Também pode adotar alguns procedimentos na creche ou pré-escola onde trabalha.

Dar exemplo. Pais, mães e cuidadores precisam cuidar dos próprios dentes para que a criança, desde pequena, perceba a importância da prevenção. Deixar que ela escolha a escova (dentre as indicadas para essa fase da infância) e fazer a escovação com a criança são atitudes que favorecem essa consciência.

Quantas vezes? É importante mostrar à criança que o ideal é escovar os dentes pelo menos três vezes ao dia com um creme dental que contém flúor para remover a placa bacteriana. Para explicar a ela o que isso significa, basta dizer que é uma película pegajosa que se forma sobre os dentes e que causa a cáries. É possível sentir a placa antes da escovação e, depois dela, perceber a diferença.

Por um fio. Usar fio dental diariamente também é um hábito que a criança deve ter a partir dos quatro anos, com ajuda do adulto, e aos oito anos sozinha. Ela tem de saber que a mesma placa que cobre os dentes se instala entre eles e que só o fio, fininho e suave, pode retirá-la. Se essa higiene não for feita, vai nascer uma espécie de pedra entre os dentes (o cálculo dental) que só o dentista conseguirá retirar.

Alimentação é tudo. A criança também tem de entender que a alimentação equilibrada, com pouco açúcar e amido, ajuda a manter os dentes saudáveis. Alimentos ricos dessas duas substâncias produzem ácidos na placa bacteriana que “furam” os dentes, causando as cáries. As refeições tem de contemplar alimentos com ampla variedade de vitaminas e sais minerais, cálcio, fósforo e níveis adequados de flúor para fortalecer os dentes. Este é outro aspecto que o exemplo é quem vai ditar as regras. Se os adultos se alimentam de forma equivocada, a criança seguirá o mesmo padrão.

Flúor sim. Produtos que contêm flúor (inclusive o creme dental) são preventivos. A água consumida pela criança também deve conter flúor. Se isso não for possível, o dentista tem de ser avisado para prescrever uma complementação da substância na rotina diária da criança.

Visita ao dentista. A criança deve ir ao especialista regularmente. Dessa forma, quando jovem e adulto, continuará com as visitas porque farão parte de sua rotina.

Escovação correta. É importante mostrar à criança o jeito certo de fazer a escovação. Com o tempo, ela irá habituar-se aos movimentos corretos:

- Colocar na escova uma pequena quantidade de creme dental com flúor. A criança não deve engolir o creme dental.
- Usar uma escova de cerdas macias.
- Escovar primeiro a superfície interna de cada dente, suavemente.
- Escovar a superfície externa de cada dente, com a escova posicionada em um ângulo de 45 graus ao longo da gengiva.
- Escovar com movimentos para frente e para trás.
- Escovar suavemente a superfície de cada dente usada para mastigar.

- Usar a ponta da escova (cerdas) para limpar atrás de cada dente frontal, na arcada superior e inferior.

Higiene: os cuidados essenciais na creche

Para que os bebês estejam bem acolhidos e preparados para uma rotina cheia de descobertas, desafios e aprendizagens, é preciso um olhar atento às questões de higiene. E isso não tem a ver só com a limpeza do ambiente, dos objetos e dos brinquedos. Envolve também o modo como as crianças se relacionam com elas mesmas, com as outras, com o espaço ao redor e com as tarefas cotidianas. Isso inclui a hora do banho e de dormir.

A permanência em ambientes fechados (que aumenta a concentração de germes) e as mãos mal lavadas (que disseminam agentes causadores de doenças) estão entre os principais problemas das creches hoje, segundo Damaris Maranhão, docente da pós-graduação em Educação Infantil do Instituto Superior de Educação Vera Cruz (Isevec), ambos localizados em São Paulo.

Para ajudá-lo a cuidar dessas e de outras questões, NOVA ESCOLA selecionou hábitos simples, porém importantes, que precisam fazer parte do dia a dia (*leia as próximas páginas*). Eles ajudam a prevenir gripe, diarreia, piolho e outros males. Em todos os casos, é importante que as tarefas sejam divididas entre o professor e o auxiliar. Embora seja importante trabalhar a questão da higiene com zelo, vale lembrar que nenhum tipo de exagero é bem-vindo. "Alguns fatos podem escapar do controle vez ou outra. Nesse caso, nada de desespero", explica Damaris.

Colocar em prática todos esses hábitos ensina comportamentos adequados aos bebês. "Ao cuidar deles, transmitimos valores sobre os cuidados consigo mesmo e com o outro", explica Mariana Exposito, diretora da Creche/Pré-Escola Saúde SAS/USP, na capital paulista.

Soninho

- Mantenha as portas e as janelas abertas, inclusive nos dias frios, para evitar o aumento de germes no ar, o que facilita a transmissão de doenças.
- Garanta que entre os colchonetes haja meio metro de distância.
- Disponha os bebês em posições opostas: a cabeça de um não deve ficar próxima à do outro.
- Assegure que todos tenham fronha e lençóis próprios e identificados, assim como chupetas e paninhos.
- Auxilie as crianças a fazer a higiene nasal antes de dormir.
- Lave as chupetas após o uso com água e detergente e guarde-as em potes individuais. Amarrá-las às roupas é anti-higiênico.

Troca da fralda

- Lave as mãos antes e depois, evitando a contaminação própria e entre os bebês. Eles também devem ter as mãos lavadas, pois existe a chance de tocarem nas secreções enquanto são limpos e trocados.
- Mantenha o cesto de lixo (com pedal) próximo e descarte as fraldas sujas tão logo sejam retiradas.
- Evite fraldas de pano. É difícil acondicionar as usadas para que sejam enviadas à casa das crianças. A pré-lavagem também não é recomendada, pois há o risco de contaminação.
- Limpe o colchonete sempre antes e depois de cada troca com água e sabão. Outro procedimento possível é forrá-lo com uma toalha de uso individual (que deve ser substituída todos os dias) e, sobre ela, colocar papel toalha.

- Use luvas descartáveis só se houver machucados na criança ou em você. Mesmo assim, lave bem as mãos antes e depois.

Banho

- Garanta o uso de toalhas individuais, que devem ser penduradas em cabideiros, identificadas e separadas umas das outras. A lavagem pode ser feita na casa das crianças ou na creche a cada dois ou três dias ou sempre que houver a necessidade.

- Assegure que os pentes também sejam de uso individual e guarde-os em bolsas identificadas.

- Se o bebê estiver com a fralda muito suja, remova as fezes com lenços umedecidos ou água corrente e só então coloque-o na banheira.

- Banhe os pequenos com as mãos. Buchas e esponjas podem machucar ou transmitir doenças.

- Lave a banheira com água e detergente depois de cada banho.

- Para supervisionar a escovação da turma inteira, forme grupos com no máximo cinco integrantes.

- Auxilie as crianças a escovar os dentes, orientando os movimentos.

- Ensine aos pequenos que as escovas são de uso pessoal e descarte as que eventualmente forem trocadas entre eles.

- Os porta-escovas devem ser individuais e identificados e permitir que elas permaneçam secas e arejadas.

- Para enxaguar a boca, cada criança deve usar o próprio copo plástico.

- Troque as escovas de dente a cada três ou quatro meses.

Lavagem das mãos

- Lave as mãos com água e sabonete em abundância e ensine as crianças a fazer o mesmo ao chegar à creche, antes das refeições, depois de ir ao banheiro ou de trocar a fralda e na volta do parque. A limpeza deve incluir as palmas, os dorsos, todos os dedos, as unhas e os punhos.
- Para a secagem, dê preferência a toalhas de papel descartáveis. Se apenas as de tecido estiverem disponíveis, garanta que sejam para uso individual. Nesse caso, é fundamental que sejam trocadas com frequência a fim de serem lavadas e secas antes de serem usadas novamente.
- Combine com todos os profissionais da creche envolvidos no preparo e na manipulação dos alimentos servidos que eles lavem as mãos em pias específicas para a tarefa.
- Oriente a comunidade - o que inclui os pais dos bebês - a limpar as mãos ao entrar na creche, com água e sabão ou com álcool gel.

Alimentação

- Deixe os alimentos esfriar à temperatura ambiente. Não assopre, pois isso aumenta a chance de contaminações.
- Identifique as mamadeiras com o nome dos bebês.
- Leve as crianças para o refeitório em grupos pequenos, evitando que fiquem aglomeradas enquanto se alimentam. Assim, todas podem aproveitar o momento e receber ajuda para aprender hábitos à mesa, como se servir e usar talheres.
- Reserve um espaço para que as mães amamentem os bebês, distante dos locais de troca de fralda e de banho.

- Certifique-se de que todos lavem as mãos antes das refeições, inclusive os bebês que tomam mamadeira ou mamam no peito.

Retirada das fraldas

- Garanta que as crianças usem penicos, vasos de tamanho adequado ou com tampas adaptadas.

- Estabeleça uma rotina de várias idas ao banheiro para que os pequenos se acostumem.

- Os penicos devem ser colocados sempre no banheiro, distantes do vaso sanitário e do cesto de lixo. O fundo deles deve ser forrado com papel higiênico. Terminado o uso, o conteúdo precisa ser despejado no vaso, e o objeto, lavado.

- Ajude as crianças a se limpar com papel higiênico (ou chuveirinho, se necessário), bem como a lavar as mãos em seguida.

Atividades

- Diariamente, solicite que a equipe de limpeza higienize os brinquedos depois de a criança usá-los. Coloque os materiais, a cada período de atividades, em um gaveteiro plástico, a ser retirado pelos funcionários. Assim, todos poderão ser lavados com água e sabão e colocados para secar ao ar livre. Enquanto isso, os pequenos poderão usar uma nova leva de brinquedos.

- Assegure a ventilação dos ambientes que os pequenos frequentam, bem como a alternância entre momentos de atividades internas e externas, evitando que as crianças passem longos períodos em um único ambiente fechado, o que aumenta a chance de transmissão de males como gripes, resfriados e infecções.

7 doenças mais comuns da infância



Dentro do útero, o bebê não entra em contato com vírus e bactérias. Portanto, seu organismo desconhece esses agentes. Entretanto, quando ele vem ao mundo, abandonando o abrigo uterino, fica à mercê desses micro-organismos. É por isso que problemas como **otite, dor de garganta** e outros quadros infecciosos afetam as crianças. Na tentativa de se fortalecer e equilibrar, a **imunidade** também pode reagir de forma exagerada a fatores aparentemente inofensivos – do pólen das flores a alimentos. O resultado é uma alergia daquelas, cuja manifestação normalmente ocorre no sistema respiratório ou na pele.

Para superar essa fase sem tanto transtorno, o segredo é ter muita paciência e adotar certos hábitos. O **parto normal** é a primeira contribuição que você pode dar à saúde do seu filho, pois o contato dele com as bactérias do canal vaginal ajuda a desenvolver resistência. Amamentar também é fundamental. Por meio do leite, a mãe transfere substâncias que atuam como anticorpos no organismo da criança. É por esse motivo que o aleitamento deve ser exclusivo até os 6 meses e complementar até os 2 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS).

O terceiro passo é caprichar na **introdução alimentar**, incluindo frutas, hortaliças, carnes e leguminosas no cardápio infantil, a partir do segundo semestre de vida. Assim, você garante energia, vitaminas e minerais. Por fim, ensinar seu filho a lavar bem as mãos – especialmente ao chegar da rua, depois de brincar ou de usar o banheiro, e antes das refeições – ajuda a mantê-lo livre de vírus e bactérias. Mesmo

com tanto cuidado, é possível que um problema ou outro surja de vez em quando, especialmente quando seu filho frequentar a escola e entrar em contato com outras crianças. CRESCER levantou, com a Sociedade de Pediatria de São Paulo, as doenças mais comuns nos primeiros anos e agrupou-as em sete blocos. Veja como contorná-las.

ALERGIAS



Três por cento das crianças sofrem com quadros alérgicos, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Os de origem alimentar são normalmente provocados por alguma proteína, conservante ou corante, causando dores abdominais, coceira, erupções na pele e até dificuldade respiratória. Leite de vaca, clara de ovo, soja, trigo e peixe encabeçam a lista dos ingredientes causadores desses episódios. A alergia ao primeiro é a mais comum na infância e pode apresentar sangue nas fezes como sintoma adicional. O tratamento consiste em retirar da dieta o alimento. Em fase de amamentação, pode ser necessário excluir o item da alimentação materna, já que ele pode passar para o bebê por meio do leite.

Quando se trata de **alergia respiratória**, ela pode se manifestar tanto como rinite, caracterizada por coriza, espirros e congestão nasal, quanto em forma de asma, quando acomete os brônquios, ocasionando dificuldade respiratória, **chiado no peito** e tosse, entre outras complicações. Os agentes promotores dessas crises variam de uma criança para outra, mas, entre os principais, estão os ácaros, presentes em roupas e cobertores, o pólen das flores, a poeira e os pelos de animais. A estratégia de prevenção também consiste em manter a criança longe do gatilho. Por isso, deixe o

ambiente sempre limpo e arejado, evitando bichos de pelúcia e outros objetos que possam acumular poeira no quarto do seu filho. Um especialista irá orientar o tratamento com remédios, sejam para os momentos de crise, sejam para uso contínuo. Picadas de inseto também têm potencial de desencadear alergia, com coceira e vermelhidão, que duram até dez dias. O pediatra pode prescrever um tratamento com anti-histamínicos.

INFECÇÃO NO OUVIDO

A chamada **otite média** surge quando há acúmulo de secreção no canal auditivo, devido a gripes e resfriados, ou do próprio leite, que pode escoar ao amamentar com o bebê na horizontal, tornando o ambiente propício à proliferação de bactérias. Em geral, o problema se manifesta pelo menos uma vez até os 5 anos e pode exigir tratamento com antibióticos. No caso dos bebês, é fundamental ficar atento a sinais como choro intenso e **febre**. Existe ainda um quadro mais brando, a **otite externa**, que geralmente ocorre por excesso de umidade. Secar bem os ouvidos com uma toalha, após o contato com água, é a melhor forma de diminuir a ocorrência – o uso de cotonetes é contraindicado, porque eles empurram a cera para os tímpanos e diminuem a proteção do conduto auditivo.

INFECÇÃO NA GARGANTA

Falta de apetite e febre alta, em geral, caracterizam as infecções de faringe e amídalas, causadas por vírus ou bactérias. O tipo viral ocorre com maior frequência até os 2 anos e é comum haver três episódios por ano – o contágio se dá por contato com saliva infectada e outras secreções. A dor incomoda por três dias e o tratamento, com analgésicos e antitérmicos, visa o alívio dos sintomas até que a doença regride espontaneamente. Já as bactérias desencadeiam um quadro intenso, comum entre 3 e 6 anos, que requer uso de antibióticos. Mas atenção: é preciso seguir à risca a duração, os intervalos e as doses do remédio, caso contrário, os micro-organismos podem se tornar resistentes. Episódios muito recorrentes podem exigir uma cirurgia de extração das amídalas.

CONTAMINAÇÕES

Vírus, bactérias ou parasitas, presentes em água ou alimentos contaminados, podem invadir o organismo e provocar vômito, flatulência, **diarreia** e dores abdominais. Embora pareça algo corriqueiro, a diarreia está entre as principais causas de morte infantil no Brasil, em decorrência da desnutrição e da **desidratação**, resultantes dos quadros mais graves. Fundamental em todos os casos, o tratamento inclui a ingestão de 50 a 100 mililitros de soro caseiro por dia (para um litro de água, adicione 3,5 gramas de sal e 20 g de açúcar) e um cardápio rico em alimentos de fácil digestão, como legumes, verduras e frutas. O **leite materno** ajuda na recuperação.

CATAPORA, CAXUMBA...

... rubéola, sarampo... Causadas por vírus, essas doenças são transmitidas por meio da saliva e levam de 5 a 14 dias para entrar em remissão espontânea. O tratamento consiste no alívio dos sintomas, com analgésicos e antitérmicos, e na prevenção de complicações – como a **pneumonia**, no caso do sarampo. Todas são passíveis de prevenção com a mesma vacina, chamada de **tetra viral**, aplicada em dose única, aos 15 meses de vida. Cada problema tem suas particularidades, mas sintomas como febre, prostração, manchas no corpo, tosse, coriza e **falta de apetite** devem ser relatados o quanto antes ao pediatra. Se houver contágio, restrinja o contato com outras crianças para prevenir a transmissão. Nesse caso, ofereça ao seu filho bastante água, hortaliças e frutas para aumentar sua resistência. O repouso também é essencial. Outro alerta é que a mãe pode transmitir rubéola ao bebê no primeiro trimestre de gestação. Por isso, mulheres que pretendem engravidar devem fazer exames para detectar se são imunes ao problema. Se não, precisam tomar vacina.

REFLUXO

O refluxo, frequente no primeiro ano de vida, não está relacionado à imaturidade do sistema imunológico, mas do digestivo. Ele ocorre quando o alimento chega ao estômago e volta para o esôfago. Nos primeiros meses, o fato de a criança ingerir apenas líquidos intensifica esse retorno. A boa notícia é que o problema tende a diminuir à medida que ingredientes sólidos forem incluídos no cardápio. Uma dica para amenizar o desconforto é amamentar em posição vertical e não exagerar na quantidade de leite. Colocar o bebê para arrotar em pé no colo, por cerca de 20

minutos, também facilita a digestão. Quadros severos podem exigir o uso de medicamentos.

GRIPE E RESFRIADO

Apesar de parecidos, gripe e resfriado têm características diferentes e são causados por vírus distintos. Nos dois casos, a principal forma de contágio é a saliva, eliminada durante tosses e espirros. O resfriado costuma ser mais brando, com coriza e irritação das mucosas. Já o pacote da gripe inclui febre, dor muscular e cansaço. Nas duas situações, o tratamento serve para aliviar os sintomas, uma vez que o problema regride automaticamente. Manter a hidratação, com chás, água e sucos, acelera a recuperação. Para prevenir os quadros gripais, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) recomenda a vacinação a partir dos 6 meses. A **bronquiolite**, uma infecção nos bronquíolos, também é comum em bebês prematuros e crianças de até 2 anos. Causada principalmente pelo vírus sincicial respiratório (VSR), promove febre, dificuldades para respirar, tosse e chiados no peito. Em casos graves, requer internação hospitalar. A forma de contágio é a mesma da gripe. Por isso, evite levar a criança a locais com aglomeração de pessoas ou outros bebês doentes. De acordo com a SBP, prematuros devem receber aplicações mensais de palivizumabe, um remédio à base de anticorpos, que evita a infecção pelo VSR, especialmente perigosa para essas crianças.

Educação infantil

A **educação infantil** consiste na educação de crianças, com idades entre 0 e 5 anos. Neste tipo de educação, as crianças são estimuladas - através de atividades lúdicas, brincadeiras e jogos - a exercitar as suas capacidades e potencialidades emocionais, sociais, físicas, motoras, cognitivas e a fazer exploração, experimentação e descobertas.

Internacionalmente, a educação infantil corresponde normalmente o nível 0 definido pela ISCED. Contudo, em alguns sistemas educativos, este tipo de educação pode incluir a que é ministrada a crianças de idade inferior a três anos, portanto a um nível inferior ao do ISCED 0.

A educação infantil é ministrada em estabelecimentos educativos divididos nas modalidades creches e pré-escolas. A educação infantil é obrigatória a partir dos quatro anos, sendo um direito da criança que o Estado é obrigado a disponibilizar o espaço e os educadores de forma pública. Existem, também, diversas instituições privadas que oferecem o serviço de educação infantil no Brasil.

Origem da educação infantil no Mundo

O modo de lidar com as crianças na Idade Média era baseado em alguns costumes herdados da Antiguidade. O papel das crianças era definido pelo pai. Os direitos do pai no mundo grego que o pai, além de incluir total controle sobre o filho, incluía também de tirar-lhe a vida, caso o rejeitasse. No mundo germânico, além do poder do pai exercido no seio da família, existia o poder patriarcal, exercido pela dominação política e social. Nas sociedades antigas, o *status* da criança era nulo. Sua existência no meio social dependia totalmente da vontade do pai, podendo, no caso das deficientes e das meninas, ser mandadas para prostíbulos em lugar de serem mortas, em outros casos, (as pobres) eram abandonadas ou vendidas. Com a ascensão do cristianismo, o modo de lidar com as crianças mudou, apesar da mudança ter sido um processo lento. Maria Montessori foi uma das precursoras do tema.

Educação infantil no Brasil

No Brasil, por volta da década de 1970, com o aumento do número de fábricas, iniciaram-se os movimentos de mulheres e os de luta por creche, resultando na necessidade de criar um lugar para os filhos da massa operária, surgindo então as creches, com um foco totalmente assistencialista, visando apenas o “cuidar”. Pois segundo Faria (1999, p.25). Se os anos 70 voltaram-se para a mulher, nos anos 80, essa mulher voltou-se para as crianças. Foram, em geral, as feministas intelectualizadas de classe média, e que eram contra a ditadura, que passaram a pesquisar sobre a infância e assessorar os governos progressistas que, atendendo às reivindicações populares, prometeram creches nas suas campanhas eleitorais.

Só em 1988 a educação infantil teve início ao seu reconhecimento, quando pela primeira vez, foi colocada como parte integrante da Constituição, depois em 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei federal 8069/90), entre os direitos

estava o de atendimento em creches e pré-escolas para as crianças até os 6 anos de idade. Pela primeira vez na história, uma Constituição do Brasil faz referência a direitos específicos das crianças, que não sejam aqueles circunscritos ao âmbito do Direito da Família. Também pela primeira vez, um texto constitucional define claramente como direito da criança de 0 a 6 anos de idade e dever do Estado, o atendimento em creche e pré-escola.(CAMPOS, ROSEMBERG, FERREIRA, 1995, p.17 e18) Posteriormente, entramos em um período de debate em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), período que se estendeu até meados da década de 90. Nesse período, sem a aprovação da LDB, a lei maior, o Ministério da Educação em conjunto com outros segmentos define uma política nacional para educação infantil, propondo a criação de uma Comissão Nacional de Educação Infantil (CNEI), que a visão de formular e implementar políticas na área, atuando de 1993 a 1996. Em 1994, aconteceu a Conferência Nacional de Educação para Todos, e um dos eventos preparatórios à conferência foi o I Simpósio Nacional de Educação Infantil, que aprovou a Política Nacional de educação Infantil, com o apoio da CNEI. A partir da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 (ECA, Lei Federal 8069/90) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, lei 9394/96 (BRASIL, 1996), a Educação Infantil foi colocada como a primeira etapa da Educação Básica no Brasil, abrangendo as crianças de 0 a 6 anos, concedendo-lhes um olhar completo, perdendo seu aspecto assistencialista e assumindo uma visão e um caráter pedagógico. Nesse momento acontece a Municipalização, a Educação Infantil passa a ser responsabilidade dos Municípios, com certo vínculo de verba com o Estado. De acordo com Faria (1999, p.68).

Barreto (2008, p.24) coloca que atenção à Educação Infantil no Brasil é decorrente das últimas duas décadas de reflexões, pois a partir da LDB a Educação Infantil passou a ser o início da Educação Básica, buscando abolir a visão assistencialista e com o olhar na formação dos profissionais que atuam nessa área.

Legislação

No Brasil considera-se como educação infantil ^[6] o período de vida escolar em que se atende, pedagogicamente, crianças com idade entre 0 e 5 anos e 11 meses. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional chama o equipamento educacional que atende crianças de 0 a 3 anos de "creche". O equipamento educacional que atende crianças de 4 e 5 anos se chama "pré-escola". Na educação infantil a avaliação far-se-

á mediante acompanhamento a registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Recentes medidas legais modificaram o atendimento das crianças PRÉ-ESCOLA, pois alunos com seis anos de idade devem obrigatoriamente estar matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamenta.

Os dispositivos legais que estabeleceram as modificações citadas são os seguintes:

- O Projeto de Lei n.º 144/2005, aprovado pelo Senado em 25 de janeiro de 2006, e que resultou na lei n.º 11.274/06, estabelece a duração mínima de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Essa medida teve o ano de 2010 como prazo para ser implantada pelos Municípios, Estados e Distrito Federal, fazendo com que a pré-escola, assim, atenda a *crianças de 4 e 5 anos de idade*.

Esta lei foi alterada pela lei número 12.796 que altera a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Como novidade, o texto muda o artigo 6.º tornando "dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade".

O Brasil sempre sofreu a influência de métodos de ensino de outros países. Essa influência se nota na grande quantidade de colégios particulares estrangeiros no país, principalmente os colégio de ensino bilíngue, no qual as crianças desde cedo tem o contato com uma língua estrangeira, além da língua pátria. No começo do século XX muitas escolas, hoje ditas tradicionais, se estabeleceram pelo país.

Situação atual

No censo escolar de 2009, 18,4% da população de 0 a 3 anos estavam matriculados em creches. No censo de 2011, na pré-escola, cerca de 80% dos brasileiros de 4 e 5 anos estavam na escola, mas ainda há uma demanda grande a ser atendida. Em São Paulo (SP), por exemplo, 125 mil crianças esperam por uma vaga em creche e 42 mil na pré-escola. O último Censo Escolar (2013) indica um aumento de 7,5% na oferta de vagas para crianças entre 0 e 3 anos.

A importância dos Primeiros Socorros no Ambiente Escolar

A saúde como um tema transversal, valoriza o significado social dos procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, o potencial da educação escolar reside, exatamente, na articulação dos conhecimentos, das atitudes, das aptidões e das práticas que possam ser vivenciadas e compartilhadas com a sociedade, relacionadas às questões da realidade.

O ambiente escolar é o local onde passamos boa parte da vida, e o ser humano por mais cauteloso que seja está vulnerável a acidentes. esta é a realidade das pessoas que convivem no ambiente escolar que poderão passar por situações em que o socorro deve ser imediato, pois nem sempre é possível a chegada da equipe médica de atendimento emergencial. o educador ou aluno poderá obter conhecimento para tomar atitudes imediatas em situações de afogamento, hemorragias,fraturas,luxações,entorses,queimaduras e em partos emergenciais.

Qualquer pessoa poderá ser surpreendida por situações de urgência ou emergência que envolva a integridade física de um amigo, parente, vizinho, colega de trabalho ou até mesmo um desconhecido na rua. Estes conhecimentos trarão subsídios para proporcionar as vítimas um suporte de vida seguro, pois a prestação de socorro, além de um dever moral, é um dever legal e sua recusa constitui crime de omissão de socorro,previsto no artigo 135 do código penal brasileiro.

Este método qualitativo dinamizado em sala de aula, valoriza a vida e contribui para a conscientização do educando, despertando o interesse e a participação aos temas transversais, o que assegura o respeito à vida em sala de aula, onde o lapso temporal entre o momento do acidente e o socorro faz a diferença entre a vida e a morte.